

Mapeando práticas e discursos: Sobre a experiência de campo na Lapa (RJ) e da tentativa de compreender a noção de gentrification (2008)

Natália Helou Fazzioni

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1532>

DOI: 10.4000/pontourbe.1532

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Natália Helou Fazzioni, « Mapeando práticas e discursos: Sobre a experiência de campo na Lapa (RJ) e da tentativa de compreender a noção de gentrification (2008) », *Ponto Urbe* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 31 dezembro 2009, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1532> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1532

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Mapeando práticas e discursos: Sobre a experiência de campo na Lapa (RJ) e da tentativa de compreender a noção de gentrification (2008)

Natália Helou Fazzioni

Introdução

- 1 A reflexão aqui apresentada é fruto de um projeto de iniciação científica¹ que buscou compreender alguns aspectos sobre a chamada revitalização da Lapa, região do Centro da cidade do Rio de Janeiro. Neste artigo, portanto, espero conseguir não somente transmitir os resultados da pesquisa e da discussão com a bibliografia, como também explorar a relação construída com o campo a partir da tentativa de relacionar um olhar distante e outro aproximado.

Breve histórico: Lapa e revitalização

- 2 Uma caminhada pela Lapa revela a predominância de certos tipos de estabelecimentos, tais como restaurantes, hotéis, pensões e imensa quantidade de bares e casas noturnas de todos os estilos. É nítido também o alto número de edifícios residenciais ali existentes. Há um hospital, uma universidade, brechós, oficinas mecânicas, lojas e casas destinadas a projetos sociais focados em questões diversas como cultura, saúde e habitação.
- 3 Hoje, são constantes as falas que evocam a Lapa como local recuperado face à anterior decadência; referência ao fato de por aproximadamente 30 anos o local ter sido majoritariamente freqüentado pelas camadas populares² e também com o descaso das

autoridades públicas durante esse mesmo período. Tendo em vista, contudo, sua importância como localidade fundamental de referências físicas e simbólicas da memória e história da cidade, e ao mesmo tempo seu potencial turístico, surgem a partir da década de 90 projetos que pretendem “revitalizá-la”. Tais projetos ganham maior destaque quando se inserem em uma grande proposta de reforma urbana do prefeito eleito em 1992, César Maia, em um conjunto amplo de políticas de reformas na área urbana da cidade, que incluía o projeto de reconquista do centro histórico e de negócios, valorização da orla marítima, além do conhecido Favela-Bairro (Machado, 2003).



Fundição Progresso, uma das casas de cultura e de shows, instalada em antiga fábrica de fogões³⁾

- 4 Nesse quadro, são destinados à Lapa projetos que buscavam, sobretudo, recuperar espaços degradados e restaurar o patrimônio edificado do local. Assim, foram criadas leis que facilitavam a compra ou aluguel de imóveis, em troca do comprometimento com sua conservação ou restauro. Nesse mesmo sentido, incentivou-se a instalação de centros culturais nos casarões ali existentes. Pode-se notar claramente que apesar das ações do poder público, a revitalização da Lapa foi levada adiante com auxílio de outras instituições que financiaram os projetos, tais como a Petrobrás. Porém, acima de tudo, foi a iniciativa privada quem ditou seus rumos; resignificando os imóveis, os atribuindo novos usos e sentidos, na maior parte das vezes, ligados a atividades comerciais de lazer e turismo.

Diferentes perspectivas

- 5 É importante notar que quando a oportunidade de estudar a Lapa surgiu, estando eu na cidade de Campinas (SP), a aproximação que pude construir com o objeto foi inevitavelmente distante: sites de relacionamento na internet, notícias na mídia, documentos que descreviam os projetos implementados; além de livros que tratassem de sua história, e a literatura que a tinha como cenário ou inspiração, formaram basicamente o alicerce que propiciou o recorte inicial do projeto. Um fator fundamental nesse primeiro momento foi, portanto, a aproximação com a bibliografia específica do tema, sobretudo aquela que tratava dos casos de revitalização ou requalificação urbana em grandes cidades brasileiras.

- 6 Nitidamente, o processo em causa no Rio de Janeiro enquadrava-se em uma discussão mais geral presente nos estudos de caso de revitalização de centros históricos de outras grandes cidades como São Paulo, Recife e Salvador (Arantes, 2000; Leite, 2004). Tais estudos apontavam para um sentido próximo desses projetos, que possuíam na maior parte das vezes a proposta de resgatar uma suposta tradição desses locais, com políticas que visavam embelezar e restaurar edificações e equipamentos históricos, potencializando assim seu fator de valorização econômica. Buscavam com isso, um fortalecimento do potencial turístico e do circuito de bares e restaurantes (lazer de forma geral), criando assim uma idéia de “consumo do lugar”. Em diálogo com processos de tipo similar, ocorridos fora do Brasil, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, a noção de *gentrification* ou o correspondente mais próximo no português, *enobrecimento*, passou a aparecer também no contexto nacional como central nessa discussão. Mais à frente, no entanto, tratar-se-á das diferenças dos casos brasileiros em relação aos estrangeiros.
- 7 Tal noção teve assim um papel determinante e ao mesmo tempo instável durante a pesquisa, pois de início pareceu ser necessário determinar se este seria de fato um caso de *gentrification* ou não. No entanto, proceder metodologicamente dessa forma limitaria as possibilidades de hipóteses com as quais seria possível trabalhar, pois reduziria o objetivo do trabalho à atribuição favorável ou não ao uso do conceito; escolha essa agravada pelo fato de não haver um consenso teórico acerca da aplicação do mesmo.
- 8 Foi necessário, portanto, amparar-me na percepção que o olhar mais amplo propiciava, ou seja, aquela facilmente apreendida de fora. Mais especificamente, apoiei-me naquilo que transparecia por meio da análise mais geral da situação, através do material divulgado pelos meios de comunicação e também pelos documentos que descreviam e avaliavam os projetos. Optou-se assim, a princípio, em afirmar que se tratava de um espaço enobrecido. Nesse cenário a tarefa da pesquisa de campo seria a de realizar uma etnografia “de perto e de dentro”, nos termos propostos pelo antropólogo José Guilherme C. Magnani, procurando estabelecer, através das pistas fornecidas pelo cotidiano dos atores sociais, um mapeamento da dinâmica do local. Esperava-se que este pudesse fornecer uma nova perspectiva sobre o caso, corroborando ou não com o primeiro sentido apontado pelo olhar distante. Acerca de tal método etnográfico, Magnani pontua:
- (...) a mudança de foco que a perspectiva antropológica possibilita, principalmente em função do método etnográfico, tem a vantagem de evitar a dicotomia que opõe, no cenário das grandes metrópoles contemporâneas, o indivíduo e as megaestruturas urbanas. (Magnani p.17, 2002).
- 9 A etnografia cumpriria assim o papel de desfazer a idéia do indivíduo na metrópole como algo atomizado, pois através das trajetórias individuais e cotidianas revelar-se-ia todo “um mapa de deslocamentos pontuados por contatos significativos” (Magnani p. 17, 2002). Tem-se, portanto, que os múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais presentes na metrópole, em seus cotidianos, podem dizer mais sobre as representações “reflexivas”⁴ de espaço e uso do que uma análise distanciada e externa, “de longe e de fora” – ainda que Magnani pontue a necessidade da existência de tal análise, ela não deve estar dissociada da primeira.
- 10 Dessa forma, a tarefa principal da pesquisa de campo foi mapear práticas e discursos dos atores que vivenciaram as conseqüências de tais mudanças. Tal mapeamento seria fundamental, pois articularia uma noção de representação do lugar específica para cada

um dos atores, facilitando a compreensão de qual significado a Lapa assume nos diferentes casos. Como afirma o mesmo autor citado acima em ensaio distinto:

(...) discurso e prática não são realidades que se opõem, um operando por distorção com respeito à outra; são antes pistas diferentes e complementares para a compreensão do significado. (Magnani, p. 140, 1986)

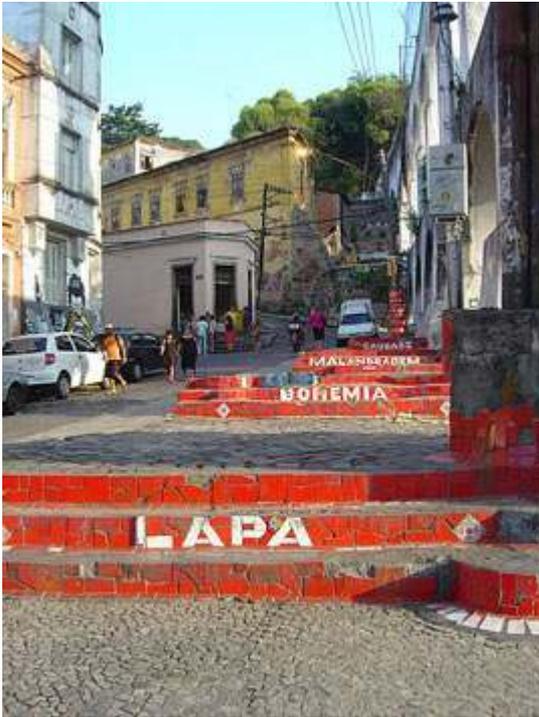
- 11 A confecção de tal mapeamento, no qual diferentes representações e significados se interpelam, revelaria qual a relação que entre eles se estabelece e, por conseguinte, qual a configuração mais geral que o espaço assume, podendo refletir ao final sobre o sentido da *gentrification* nesse caso.

Discursos: Tradição e Pertencimento

“Na Lapa de hoje as meninas beijam pela primeira vez. Os meninos fumam de enevoar a rua e casais clandestinos inventam um plantão pra sapatear um samba que os isenta de culpa: Sem Compromisso. Um desavisado grita: Salve Chico Buarque! Mas o samba é de Geraldo Pereira.”

Moacyr Luz (Damata, p.15,2007)

- 12 Ao me aproximar do campo e, sobretudo, das narrativas e histórias de vida que ali corriam, foi preciso entender como a palavra tradição se refez como termo êmico, que se desprende dos eixos de relação com a história formalizada, e passa a reatualizar seus nexos de sentido a partir das falas de cada ator social ali presente. É por essa razão que pouco importa aqui se o samba é de Chico Buarque ou de Geraldo Pereira, ou até, se de fato esse último morreu nas ruas da Lapa, da rasteira que lhe passou Madame Satã. É, contudo, esse último personagem citado quem nos conduzirá ao que realmente interessa; sua presença e influência no material de pesquisa recolhido foi surpreendente.
- 13 “Enquanto eu for vivo a Lapa não morrerá”, declarou a lendária figura o Pasquim em 1971. É comum na literatura e nos discursos produzidos acerca da Lapa falar em vida e morte do lugar. O que essas falas deixam claro é que a relação dialética entre o espaço da Lapa e as práticas que podem caracterizar sua representação, adensa-se a tal ponto que quase a personificam. Madame Satã, quando atrela sua própria imagem a existência ou não da Lapa, não fala apenas de si mesmo, mas de todo um ideal de malandragem e boemia que caracteriza as narrativas mais populares em torno do local. Ele é hoje uma das figuras “chave” nos discursos políticos e de marketing que buscam justificar a intervenção na Lapa através da idéia de recuperação dos “usos originais”.



- 14 Uma das escadas da Lapa, que estampa algum dos termos referentes à “essa” tradição. Tais usos seriam aqueles correspondentes aos anos que deram fama global ao bairro; datando do início do século XX até meados do mesmo, quando a Lapa ficou conhecida devido ao grande número de cafés, bares e cabarés de luxo que congregava e, especialmente, pela grande circulação de artistas e intelectuais.
- 15 Duas coletâneas que reúnem textos de cronistas e freqüentadores da Lapa desse período indicam tais usos e elementos que caracterizam o momento, revelam também, a forte relação que a partir daí se constrói entre a Lapa e aquilo que representa. A primeira delas é da década de 70 (reeditada em 2007) intitulada: *Antologia da Lapa* (Da Mata); e outra dos anos 2000: *Lapa do Desterro e do Desvario* (Lustosa). Tem-se na primeira publicação um texto do próprio organizador, Gasparino Damata, intitulado “A Lapa ficou na Saudade”, que demonstra de forma clara a memória desse momento:
- Com a retirada dos bondes de circulação, o início da construção da Avenida Perimetral e, mais recentemente, da sua reurbanização, a Lapa desapareceu quase por completo. O que resta da Lapa movimentada, boêmia, de cabarés sempre cheios, dos grandes crimes passionais, dos bares e cafés abertos até de madrugada, é apenas recordação (ou um esforço de imaginação). (Damata, p.21, 2007)
- 16 Nota-se que a reurbanização de que fala Damata não é a dos anos 90, nem a do começo do século (Pereira Passos), mas uma tentativa que ocorreu nos anos 70 do prefeito Chagas Freitas, que basicamente demoliu e alargou alguns trechos da Avenida Mem de Sá. Aparece nesse texto e em vários outros, uma diversidade de datas para o “fim”, ou “morte” da Lapa, datando dos anos 40 para frente a idéia de decadência. Na segunda coletânea de textos mencionada, o escritor João Antonio em “A Lapa acordada pra morrer” explicita tal data e sua razão:
- (...) desde 1940, a partir dos primeiros sintomas de uma nova e esmagadora realidade no Rio de Janeiro – o aparecimento de Copacabana – a Lapa foi engolida pelo seu verdugo da Zona Sul (Lustosa, 2001, p.140).

- 17 Tem-se assim, nesses discursos, a idéia de que a Lapa só existiria se estivesse ligada a uma efervescência da vida cultura de elite, evidentemente, transferida depois dos anos 40 para Copabana e mais tarde Ipanema. No entanto, sabe-se que a Lapa dos anos 20 tampouco é a Lapa do final do XIX; bairro burguês residencial, cujo símbolo mais conhecido é Machado de Assis. Também não é a dos anos 70; quando, como já dito, com a vida cultural da elite toda voltada para a zona sul, o bairro acaba basicamente funcionando para essa classe como local do consumo de prostituição. Igualmente, a Lapa dos 70, difere daquela dos anos 80 e começo dos 90, quando afora os usos mais comuns de um bairro central, começa a se formar durante a noite um circuito alternativo de Rock. Culminando com a transferência do Circo Voador, conhecida casas de show desse estilo, para um canto estratégico ao lado dos Arcos (antes esteve instalado na Praia do Arpoador).
- 18 Os discursos, que propagandeam a revitalização do bairro, apóiam-se em vários elementos distintos. Uma rápida busca através da internet, ou uma breve análise dos folhetos de turismo, revelam claramente esse fato. Ao resgatarm o que se entende por patrimônio, principalmente cultural na Lapa, as práticas de *gentrification* fazem referência a elementos temporalmente e culturalmente desconexos, tratando-os, contudo, como se pertencessem a uma mesma tradição cultural: Machado de Assis, Manoel Bandeira, o Circo Voador e mesmo Madame Satã são sempre citados anacronicamente, apesar de evidentemente representarem épocas e movimentos distintos e até contraditórios. Mesmo esse último; antes dito malandro, prostituto, biscateiro e homossexual, é resignificado e romantizado, assim como as práticas que simboliza: a prostituição, as brigas de malandro, entre outras. É provável, no entanto, que ele mesmo tenha contribuído pra isso, no fim de sua vida, quando alcançou fama, isso não apaga, porém, o fato de que na época o que representava era indesejável e hoje é reinventado.
- 19 Tal forma de representação desconexa decorre de uma estratégia recorrente desses processos, que procuram atribuir ao local uma identidade comum que a sociedade como um todo compartilhe – e por isso então, fazem referências a elementos diversos, porém de amplitude nacional. No entanto, ao falar aqui de identidade, lugar e território no espaço urbano contemporâneo, é necessário repensar tais noções de suas definições clássicas. Como por exemplo, a Escola de Chicago, que concebe a cidade como um mosaico de territórios étnicos separados por fronteiras físicas e simbólicas. Em *Paisagens Paulistanas*, Antonio Augusto Arantes contesta a idéia de lugares identitários opostos uns aos outros, pois pensando nos deslocamentos dos habitantes da cidade a imagem do mosaico já se mostra insuficiente, tendo em vista que estes se deslocam constantemente e situam-se em diversos lugares simultaneamente. Assim, entrecruzam-se e se sobrepõem, de forma muito mais complexa do que uma simples justaposição. A cidade, por fim, pode ser definida como “uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios sociais de identidade” (Arantes, p.106, 2000). Deste modo, a noção de *pertencimento* de indivíduos/grupos em relação a lugares é reclamada de diferentes formas, entrecortando lugares, dando origem a “espaços fluidos e cambiantes”. (Leite, p.39, 2004).
- 20 A forma pela qual a sociedade moderna se organizou, fez com que se reduzisse o alcance dos núcleos da tradição. O que não significa dizer que mesmo reclamando formas distintas de pertencimento a um lugar, tais núcleos não afetem diretamente

aqueles que estabelecem seus nexos relacionais próprios com o local. Um caso que representa tal idéia é a de Aori, um *rapper* natural da Lapa, cuja análise se deu através de dois documentários, “L.A.P.A” e “Minha Área”⁵. Em ambos ele aparece falando sobre o rap e a Lapa. Quando perguntado sobre o bairro, onde reside desde a infância, ele fala sobre o estereótipo padrão, a saber: música, cultura, boemia. Logo em seguida, quando o diretor o convida a caminhar pela Lapa para que lhe apresente os lugares, nota-se que além da casa onde nasceu, os outros lugares destacados por ele estão ligados ao circuito de rap: a roda de ‘break’ em baixo dos arcos, a festa “zoeira” na Rua Riachuelo 19, as disputas de rima no Circo Voador. É inegável que a história do samba e dos partideiros na Lapa seja referência também para os rappers, no entanto, não parece ser por esse motivo tão distante que a Lapa seja tão significativa para o movimento.

- 21 É possível observar, e o documentário também aponta nesse sentido, que essa convergência dos *rappers* na Lapa, se dá pela centralidade do bairro (ou seja, a possibilidade de reunir os *rappers* das mais distintas periferias) e apresentar sua música a um público novo que não o do bairro somente. Uma das músicas cantada por Aori (em parceria com Marcelo D2), explicita de forma curiosa e dúbia a relação com o bairro. Apesar de aludir aos elementos dos discursos predominantes; arcos, bonde, cabarés, como referência crucial, não deixa de mencionar o lado tido como decadente, cortiços, ratos e também o incômodo que sente ao ver aquilo que era significativo transformar-se em *souvenirs*. A música termina com uma pergunta de imenso poder simbólico: “Quem faz a Lapa viver?”, ao qual se responde: “É nós”. Segue abaixo parte da letra da música⁶:

Eu me sinto fraco, longe,
saudade dos Arcos e do Bonde,
LAPA, bem-vindo a onde os ratos se escondem,
espaço da cidade que pra mim é um marco,
...
esse é meu universo, cortiços, cabarés, vidas,
sem compromisso, vivida do jeito que não se vive mais,
...
sem esperança, minhas lembranças de infância,
viraram souvenir de nada, olhe em volta,
mas eu me sinto forte, perto dos amigos,
no Rio antigo, esse é meu abrigo, onde eu me identifico,
...
Quem faz a LAPA viver? É nós
Quem faz a LAPA viver? É nós

- 22 O rap raramente é mencionado pela grande mídia e em políticas oficiais de preservação como elemento cultural significativo na Lapa. É provavelmente muito devido a isso que aos poucos perde força dentro daquele espaço. A casa onde ocorria a festa Zoeira desde os anos 90, na qual diversos músicos hoje de grande influência tiveram a oportunidade de começar a carreira, foi desapropriada e transformada em Igreja Evangélica. Atualmente, suas manifestações estão reduzidas às imediações dos Arcos e ao Circo Voador. Não se trata, obviamente, de dizer que o processo de enobrecimento os retira da Lapa, no entanto, requer que eles se reposicionem de forma menos prejudicial aos novos usos: “(...)que muitas vezes transforma esses centros históricos em “enclaves” (Caldeira, 1997) para o lazer, turismo e consumo cultural de uma nova classe média” (Leite, p.22, 2004) como notou Rogério Proença Leite, em *Contra Usos da Cidade*, tese que analisa o processo de revitalização do bairro do Recife.

feitas através do caso dos rappers. Quando lhe pergunto como descreveria a Lapa, ela começa a narrar como era a Lapa antiga. Nota-se que a pergunta feita não diz respeito de forma alguma a Lapa antiga, mas não apenas nessa entrevista, como em grande parte delas, os entrevistados se preocupavam em me indicar aos moradores antigos da Lapa, pois eles seriam mais bem capacitados a me conceder entrevistas, ainda que soubessem que meu interesse era pelo processo de revitalização. Outro aspecto curioso é que Lúcia ao recordar-se de Madame Satã faz referência a ele como “aquele que fez o filme” (referindo-se ao filme “Madame Satã” de 2001, do diretor Karim Ainouz), mesmo dizendo tê-lo conhecido pessoalmente. Indicando assim que a atualização de uma história/personagem no presente pode ser mais relevante que o fato histórico em si, pois a memória ativou-se primeiro através do filme, que é sua representação mais significativa e constante no presente.

- 26 Dona Lúcia possui, assim como Aori, seu nexu identitário particular com a Lapa. Há alguns anos foi uma pioneira no trabalho como ambulante na Lapa (que majoritariamente dedicam-se a venda de comidas e bebidas), ela também narra a organização de pagodes, peixadas e feijoadas que promovia debaixo dos arcos para a comunidade. Quando pergunto por que deixou de atuar nessas atividades, ela responde primeiro que foi se dedicar a outras atividades, como o trabalho no projeto social do Circo Voador, mas também coloca de forma sucinta a existência de brigas, e do crescimento e desorganização no número de ambulantes.
- 27 O sentimento de pertencimento de Dona Lúcia em relação à Lapa é nítido; para ela esse espaço assume a noção de bairro social em seu sentido mais clássico. A organização de atividades de cunho financeiro e também festivas demonstra que, ao mesmo tempo em que a dinâmica da Lapa muda, ela também se desloca na tentativa de continuar atuando da forma mais próxima possível à comunidade. As atividades que promove, chamadas de “brincadeiras”, antes eram na rua, agora estavam restritas ao espaço da Associação – no geral, bingos e quadrilhas – e seu trabalho, também antes na rua como ambulante, está agora restrito ao espaço do projeto educativo do Circo Voador.

Práticas marcadas no tempo e no espaço

- 28 A Lapa como local de lazer é nitidamente mais movimentada durante a noite. Se a boemia e a música são os temas citados com mais frequência na tentativa de estabelecer os nexos entre o lugar e a tradição – consequentemente o eixo mais avançado do processo de enobrecimento se deu por esse caminho. Torna-se, portanto, possível falar aqui de um enobrecimento que é marcado no espaço, mas, especialmente no tempo. Esse não é, contudo, um modelo estático do formato, tampouco dicotômico, como se pretendesse dizer que a Lapa à noite é enobrecida e durante o dia não. Como indicam algumas das entrevistas, essas práticas tendem a se estender durante o dia, assim como influenciam, durante a noite, práticas que são contrárias, ou resistentes ao seu objetivo.
- 29 Entrevistas feitas com pessoas que freqüentavam a Lapa exclusivamente durante o dia indicam alguns aspectos importantes. Cláudio, que organiza um espaço de alimentação viva (vegetariana-crudivorista) na Rua Joaquim Silva, pontua sobre o seu trabalho:
- A Lapa hoje funciona ao dia através dos ateliês, dos restaurantes, outros ambientes de trabalho que existem. Na verdade, trabalhar aqui ao dia me soa como uma resistência à Lapa. Fazer um trabalho com alimentação viva, vegetariana em um

local onde a tradição é a noite, o álcool, a bebida, a festa. (Entrevista concedida no dia 25/07/08)

- 30 O viés da resistência, apontado por Cláudio, lança uma luz interessante à idéia de enobrecimento. A socióloga norte-americana Sharon Zukin já chama atenção para o caráter de “consumismo primário” que possuem os processos de enobrecimento. Em geral, nos casos analisado pela autora, a revalorização de um local se dá primeiramente através do valor atribuído a este por intelectuais, artistas e pessoas com modos de vida “alternativos”. Pelo entrevistado esse processo é entendido como resistência, no entanto, claramente faz parte de um processo maior de revalorização econômica do local, que começa pela noite, através de investimento maciço em consumo menos especializado e se estende ao dia, nesse “circuito alternativo” que alonga a relação tempo-espço do enobrecimento.
- 31 Em relação à segunda constatação sobre a qual a relação tempo-espço aponta, tem se o fato de que, junto aos trechos que passaram por processo intenso de enobrecimento e mudança nos usos, passa a acontecer um movimento de transformação na dinâmica local que acompanha o primeiro, ou que o precedia e depois se intensifica. Quero dizer: fora do eixo mais enobrecido – a Rua do Lavradio, a Avenida Mem de Sá após a passagem pelos Arcos da Lapa, seguindo por mais ou menos quatro quarteirões, além da Rua Riachuelo nos mesmos trechos que acompanham a Mem de Sá e ruas adjacentes – o número de bares e casas noturnas também proliferam em outras locais, onde não houve recuperação de imóveis. Neste trecho, bares se alocam em espaços diversos, incluindo tendas armadas provisoriamente, carrinhos de supermercado reestruturados, por fim, ambulantes de todos os tipos.
- 32 A partir de uma conversa com membros da Associação de Moradores passei a refletir sobre outra dimensão da relação temporal que divide esse espaço. Para essas pessoas a Lapa mudou principalmente durante a noite, e, sobretudo, aos finais de semana. Sentem-se incomodados com os ambulantes gritando, pessoas fazendo sexo, urinando nas ruas e música alta. Dessa forma, em relação a todo processo relatado anteriormente, faz-se notar que os moradores de baixa renda são afetados duplamente: de um lado, dentro do próprio bairro não são bem-vindos ou muitas vezes não possuem poder aquisitivo para freqüentar certos lugares. Se nesses mesmos lugares mais enobrecidos não trabalham formalmente, tampouco serão aceitos exercendo alguma atividade informal, pois nessas áreas o policiamento é ao mesmo tempo discreto e agressivo. Por outro lado, os movimentos que acompanham esse processo e ocorrem de forma menos regulada pelo poder público também os afetam diretamente, primeiro porque, é exatamente desse lado que a maioria deles vive, convivendo diariamente com o aumento do movimento no local, porém, ainda com o mesmo antigo descaso das autoridades com essa área. Além disso, apesar de financeiramente poderem beneficiar-se trabalhando como ambulantes nesses espaços são obrigados a lidar com toda concorrência, já pontuada pela entrevista de Dona Lúcia, pois hoje em dia os ambulantes que ali trabalham são provenientes de todas as partes da cidade.



- 33 A foto acima é de um local de coleta de lixos na mesma rua em que fica a Associação, nesse lado predominam atividades pouco vistas do outro, como cooperativas de catadores de papel e latinhas. Como já dito, a maior parte da população de baixa renda que vive na Lapa está localizada exatamente nesse trecho, mais caracterizado por casarões e cortiços, muitos deles funcionando em esquema de ocupação – nessa região existem menos edifícios residenciais de classe média. Essa distinção entre o lado enobrecido e o não-enobrecido é reforçada quando entrevisto “Seu” Pedrinho, presidente da Associação, ele atribui ao espaço da Lapa uma divisão entre “pra lá” e “pra cá” dos Arcos, sendo o lado de cá (em que a associação se situa) o menos beneficiado pelas políticas e mais prejudicado também. Em tom exaltado ele declara: “Lapa da boemia? Aqui é a Lapa da baderna, isso sim!”.
- 34 É notável a fronteira simbólica que os Arcos constroem, somam-se assim, ao lá e ao cá, as oposições: mercado e comunidade, global e local, enobrecimento e decadência. No entanto cabe notar que ambos os lados estão sempre sendo mutuamente afetados. Fato curioso que ilustra bem essa idéia são os painéis pintados nas paredes, só existentes do lado aqui entendido como menos enobrecido, com os símbolos que representam uma visão mais global da Lapa e do Rio de Janeiro, a saber, os arcos, os músicos, o bondinho e até o pão de açúcar; como se reafirmassem “para cá também é a Lapa”. Outra ressalva importante é que essas posições também não são tão dicotômicas e radicais, um bom exemplo disso é a ocupação politicamente organizada de um edifício na Rua Riachuelo, localizada entre um circuito de bares de elite, no qual residem indivíduos que se dedicam a catar papel nas ruas. Ou o fato do Teatro Cecília Meirelles, nacionalmente conhecido por sua excelente acústica no qual ocorrem concertos de música erudita, estar localizado bem em frente ao trecho em que se concentram o maior número de ambulantes e jovens de classe baixa.
- 35 Na mesma lógica dessas marcações no espaço e no tempo, evidenciam-se as negociações pelos mesmos – demonstrando o fator conflitivo que tais práticas geram. Um caso que mostra e reforça tal situação é o fato de não haver uma delimitação precisa do espaço físico da Lapa. Por não se tratar de um bairro perante a Prefeitura Municipal, o espaço em si acaba entrando no meandro das negociações. Como relata o presidente da associação de moradores: “A Lapa está encolhendo”; ou seja, não existindo uma

definição precisa desse espaço, os discursos podem tentar delimitá-lo da forma que convém, nesse caso a diminuem deixando só o eixo mais gentrificado dentro. Do outro lado da mesma moeda, encontra-se a polêmica da Rua do Lavradio, pois parte dos comerciantes da rua não aceitam mais que a rua seja considerada parte da Lapa. Esse caso é particularmente interessante, pois se sabe que a Rua do Lavradio passou por um processo acelerado de revalorização econômica, destacando-se por alocar bares e casas noturnas de alto padrão, e também pelos conhecidos antiquários. Ou seja, nesse trecho o enobrecimento é ainda mais avançado. Portanto, se o lado ainda considerado decadente tenta ser descartado por uns, a Rua do Lavradio tenta apartar-se de todo o resto.

Possíveis Conclusões

- 36 Sharon Zukin, quando traça uma reflexão acerca das paisagens urbanas pós-modernas – que seriam os espaços *gentrificados* e também os espaços que chama de *disneyficados*, paisagens dos sonhos, destaca duas características fundamentais dessas políticas: “a centralidade” e as “paisagens do poder”. Para a autora a reapropriação de certos espaços da cidade, concentra núcleos de atividades que refazem os usos originais, dando origem a uma apropriação cultural, que conseqüentemente culminaria numa apropriação espacial, na qual subsistem os símbolos do consumo e do poder sobre o vernacular, que pode ser entendido como algo referente às tradições de um lugar ou uma cultura e que resiste, atrapalha a paisagem de poder. (Zukin, 2000). Ela acrescenta:

Uma paisagem urbana pós-moderna não apenas mapeia cultura e poder: mapeia também a oposição entre mercado – as forças econômicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas – e lugar – as formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando a base para uma identidade estável. (ZUKIN, p.83, 2000)

- 37 Da forma colocada por Zukin, a separação que se dá entre mercado e lugar coloca-se de certa forma um tanto quanto dicotômica e radical. No caso aqui analisado revela-se sim uma apropriação espacial e cultural do espaço pelo mercado, no entanto, porque os antigos usuários não perdem completamente seu espaço e nexos de identidade, mas também porque não se encontra nesse caso uma completa reabilitação residencial, que para os primeiros teóricos a pensar as práticas de *gentrification* seria necessária (Smith, 1960), não se vê tal contraposição como é pensada nos casos norte-americano e europeu.
- 38 Na Lapa, quando se trata da questão residencial é necessário primeiro levar em conta que, além dos antigos moradores, que vivem há muito tempo na região e em sua maioria não se mudaram dali (ao menos não se constatou ser um movimento significativo), considera-se também como população original, aqueles moradores característicos de bairros centrais das metrópoles, que possuem uma relação transitória e passageira com o lugar. Ou seja, o fato da Lapa ainda conservar pequenos apartamentos, hotéis e pensões de baixo custo que atendem recém-chegados a cidade em busca de trabalho, ou estudantes que ainda não se estabeleceram, demonstra novamente que essa reabilitação não aconteceu. No entanto, já existem empreendimentos residenciais que visam atrair um público de maior poder aquisitivo e é preciso esperar para saber qual será o impacto destes na dinâmica do bairro⁹.

- 39 A questão colocada no início tratava-se, de forma geral, em “testar” a noção de *gentrification* no caso da Lapa, aplicando-a para depois avaliá-la. Por esse motivo, antes de chegar ao final, ousou fazer uma comparação que atravessa o tempo, mas ainda assim não me parece descabida. Nicoulau Sevcenko, quando analisa os impactos da reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro no início do século XX, deixa claro sobre quais termos esta versava; resgato brevemente um deles para refletir: a idéia de higienização. Colocando-a lado a lado com os termos da revitalização atual, não me parece forçado dizer que apesar do estigma que carrega (resquícios da Revolta da Vacina, entre outras coisas), a higienização ainda é pano de fundo para os novos termos. Na análise de Sevcenko, fica claro que a reforma pensada para a cidade naquela época, pautada em todo um ideal de vida burguês representado pela implementação do “embelezamento estratégico” (termo cunhado por Walter Benjamin), colidiu perante as estruturas urbanas ainda muito ligadas ao colonialismo – ou seja, a tentativa de modernização no Rio de Janeiro atropelou o anacronismo da cidade. Como atenta o antropólogo Nestor Canclini (1997), preocupado em caracterizar os processos culturais de hibridação, falar em cultura moderna no contexto latino-americano significa quase sempre uma idéia de deficiência aliada à exuberância. O caso do Rio de Janeiro colonial ilustra perfeitamente essa idéia, no entanto, o quadro atual não foge desse mesmo reflexo, os processos pós-modernos, do qual fala Zukin, no caso brasileiro colocam-se sobre uma modernidade mal ou não concretizada.
- 40 Assim, o que se pode concluir é que, as particularidades desse contexto devem ser levadas em conta, quando da tentativa de implementação de um projeto emprestado pelo hemisfério norte. No caso brasileiro, Silvana Rubino – em coletânea que reúne textos diversos sobre *gentrification* em diferentes partes do globo – faz uma ressalva que delimita precisamente o entendimento que busco traçar no caso da Lapa:
- Gentrification processes in central and/or historical areas are not simply a matter of who lives in the housing, but also of tourism, leisure and cultural activities – all of which are transitory processes but nevertheless inflect on the daily processes of the neighbourhood. (Rubino, p.237, 2005)
- 41 Portanto, tem-se que quando trazidas à realidade brasileira tais políticas adéquam-se ao tempo e ao espaço em que são inseridas, afetando de forma relativa, mas não menos significativa, o espaço e sua dinâmica. Não se constrói, portanto, no sentido colocado por Zukin “paisagens de poder” em tempo e espaço integrais, contudo, não deixam de ser paisagens marcadas por relações desiguais de poder, nas quais o espaço está em constante negociação entre os representantes dos diferentes interesses e das diversas formas de reclamar pertencimento ao lugar. Na forma em que os atores são afetados pelo discurso predominante, na relação de cada grupo estabelecida com o tempo e o espaço – e também em como esse último acaba sendo diretamente afetado por essa dimensão conflitiva do processo, fragmentando-se diariamente e recebendo novas demarcações de fronteiras simbólicas ou não – fica claro o sentido mais geral assumido pela *gentrification* no caso da Lapa.

BIBLIOGRAFIA

WEBGRAFIA

Circo Voador : www.circovoador.com.br

Youtube (Vídeo L.A.P.A): www.youtube.com

Wikimapia: www.wikimapia.org

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio Augusto. Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: USP, 1997

DAMATA, Gasparino. Antologia da Lapa. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

LEITE, Rogério Proença. Contra-Usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

_____. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. In: Andrade, L, Frúgoli, H (org.) A cidade e seus agentes: práticas e representações. Belo Horizonte: Edusp e Editora PucMinas, 2006.

LUSTOSA, Isabel (org.). Lapa do desterro e do desvario. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

MACHADO, Denise Pinheiro. Cidade Contemporânea e Projetos Urbanos. In: Benfatti, Schicchi (orgs.). Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro. Campinas: Puccamp/Proureb, 2004.

MAGNANI, José Guilherme. Discurso e representação, ou como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: Cardoso, Ruth (org.) A Aventura Antropológica, teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 1986

_____. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 2002 vol. 17, n 49.*

RUBINO, Silvana. A curious blend? City revitalization, gentrification and commodification in Brazil. In: Rowland Atkinson; Gary Bridge. (Org.). Gentrification in a Global Context. Londres: Routledge - Taylor and Francis Group, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Èpoque. Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Antonio Augusto Arantes (org) O Espaço da Diferença. Campinas: Papirus, 2000.

FILMOGRAFIA

Madame Satã. Rio de Janeiro, 2002. Ainouz, Karim.

Minha Área. Rio de Janeiro, 2006. Borges, Cavi; Domingos, Emílio..

L.A.P.A. Rio de Janeiro, 2007. Borges, Cavi; Domingos, Emílio.

NOTAS

1. Esse trabalho é fruto de um projeto de Iniciação Científica que realizei entre os anos de 2007 e 2008 na Unicamp. Agradeço à minha orientadora, Prof. Dra, Silvana Rubino, e demais professores que me auxiliaram antes e durante a pesquisa, sobretudo, Osmundo Pinho, Heloísa Pontes e Suely Kofes.
 2. Por não se tratar de um bairro na classificação municipal não foi possível encontrar dados que dizem respeito aos moradores somente da Lapa, no entanto o Censo em relação aos moradores do Centro aponta nesse sentido. (IBGE – Censo Demográfico – Base de Informações por setor censitário)
 3. Todas as fotos foram tiradas por mim.
 4. Tomo aqui de empréstimo a reflexão de Rogério Proença Leite que entende por reflexiva as representações de usos e espaço, pois os usos do espaço tanto dependem das reais possibilidades físicas e simbólicas dadas para que se possa usufruí-lo, como tendem a configurar socialmente o espaço (Leite, 2004)
 5. Agradeço à Cavídeo que me autorizou a utilizar esses documentários no projeto.
 6. Segue dois links para o portal de vídeos youtube: o primeiro para a música de Aori, e o segundo para um *teaser* do documentário, no qual outro rapper Lapino, Marechal, retoma a pergunta: <http://www.youtube.com/watch?v=6-fmzhTG94> ; <http://www.youtube.com/watch?v=vHrGn0PY-P4&feature=related>.
 7. Augusto Boal e Amir Haddad, diretores do Teatro do Oprimido e Tá na Rua, respectivamente, ambos instalados em casarões nesse trecho da Avenida Mem de Sá, em 2006 foram a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, protestar por esse aumento do aluguel dizendo que seus projetos corriam o risco de perder o espaço que ocupam há muitos anos. Notícia no site da ALERJ: http://www.alerj.rj.gov.br/common/noticia_corpo2.asp?num=17185
 8. Os nomes dos entrevistados foram substituídos por outros fictícios.
 9. O empreendimento residencial “Cores da Lapa”, construído em um antigo galpão da fábrica da Antarctica, foi o primeiro edifício residencial a ser construído na Lapa nos últimos 30 anos. São 5 blocos de apartamentos de alto padrão. A entrega está prometida para o ano de 2009.
-

RESUMOS

Articular uma experiência de campo com a utilização de um conceito é uma das principais propostas do artigo aqui apresentado. Através de uma incursão às ruas da Lapa, no centro antigo do Rio de Janeiro, e mais adiante buscando mapear práticas e discursos daquelas que a frequentam, a intenção é demonstrar como o processo de revitalização do bairro afeta e é afetado pelos atores que vivenciam cotidianamente suas conseqüências. A partir disso, emerge a necessidade de debater o conceito de *gentrification* e suas possíveis implicações.

ÍNDICE

Palavras-chave: Lapa, *gentrification*, etnografia

AUTOR

NATÁLIA HELOU FAZZIONI

Graduação em Ciências Sociais/Unicamp